9º FEPEG FÓRUM DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E GESTÃO
TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DEBATES MINICURSOS E PALESTRAS
23 A 26 SETEMBRO DE 2015
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro
ISSN 1806-549X
A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

A TRAVESSIA COMO RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM *O MULO*, DE DARCY RIBEIRO

Mauricio Alves de souza Pereira

Introdução

Darcy Ribeiro nasceu em Montes Claros, Norte de Minas Gerais; na Juventude, muda-se para São Paulo e ingressa na Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FIESPSP), formando-se em Ciências Sociais em 1946. Em seguida, dedicou-se aos estudos da causa indígena, delineando, de certo modo, uma cartografia dos povos indígenas do Pantanal, do Brasil central, de Santa Catarina, do Paraná e do Amazonas. Mas não foi apenas a questão do índio que ocupou o centro de sua preocupação, o antropólogo dedicou-se também à política, à educação e à atividade de romancista, com a publicação de *Maíra* (1976), *O Mulo* (1981), *Utopia Selvagem* (1982) e *Migo* (1988), cujos romances convertem-se em um espaço de reflexão sobre a sociedade brasileira em seus variados aspectos. Sandra Guardini T. Vasconcelos, a respeito de Darcy Ribeiro, afirma que

> [...] não é possível separar a obra ficcional ou etnológica do escritor de sua ação como homem público, e intelectual politicamente engajado. Para ele, caberia à Antropologia a tarefa de reencontrar-se com a História e, por meio do diagnóstico da sociedade brasileira, assumir compromisso com o povo e engajar-se em um projeto de transformação social (VASCONCELOS, 2001). [1]

Nesses termos, dessa relação intrínseca entre sua obra ficcional e antropológica, não se pode desconsiderar a importância do autor na vida política e intelectual do país, bem como a influência de sua atuação política em toda sua obra. Diego Omar Silveira, por sua vez, afirma:

> Darcy Ribeiro tornou-se um dos mais expressivos antropólogos brasileiros e, certamente, um ícone de uma geração de intelectuais que buscou reinterpretar e imaginar novamente o Brasil, compreendendo os fracassos e sucessos de nossa formação histórica e cultural (SILVEIRA, 2012). [2]

Um de seus romances, o qual analisaremos neste trabalho, é O Mulo, escrito em 1981, quando Darcy encontrava-se no exílio. O romance traz a autobiografia de Philogônio Castro Maya, um coronel do sertão que, à beira da morte, resolve doar toda a sua fortuna a um padre desconhecido através de um testamento, no qual narra toda a sua história, desde a infância. O romance é permeado por especulações metafísicas de teor universal em meio a confissões sobre crimes, relacionamentos afetivos e lições de vida do protagonista. O narrador teme a morte e o desamparo de Deus, e a partir da doação de sua fortuna, tenta forjar seu próprio perdão.

Material e métodos

A pesquisa será feita, primeiramente, a partir da leitura da obra O Mulo, de Darcy Ribeiro, analisando os aspectos que compõem a narrativa. A pesquisa pautar-se-á no método explicativo, uma vez que, nos estudos, tentaremos identificar os fatores determinantes para a ocorrência dos fenômenos analisados na narrativa, principalmente a construção da identidade do narrador-personagem. A pesquisa insere-se na modalidade bibliográfica, uma vez que utilizaremos, primeiramente, a obra ficcional para coleta de dados e, em seguida, utilizaremos um aporte teórico e crítico para a coleta de conceitos e teorias.

Discussão

A partir da leitura da obra, podemos perceber como se dá o processo de reconstrução da identidade do narrador personagem, que a narra através de suas confissões. A obra é iniciada da seguinte maneira: “Esse escrito de meu punho e letra é minha confissão e testamento. Aqui confesso meus pecados muitos ao sacerdote da Santa Madre Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo que há de me ler e perdoar.” (RIBEIRO, 2007, p. 12) [3]. É possível, em um primeiro momento, percebermos a atual situação em que se encontra o coronel: a riqueza. Logo no início, o narrador já sinaliza as pessoas

que dele se aproximam de olho em sua herança: "Filho, sei com certeza que não fiz nenhum. Algumas poucas pessoas há, de quem falarei mais explicado adiante, que podem pensar de sã consciência que eu seja pai delas. E outras que pretendem isso, com olhos na minha herança. " [3]. Philogônio não é nem um pouco sentimental, isso fica evidente no primeiro capítulo do livro: "nunca fui homem de doçuras", os motivos para essa dureza toda, encontramos no decorrer da obra, na construção da narrativa. A confissão se inicia na narrativa de sua infância, na qual ele mesmo se reconhece como "menino Trem", sem pai nem mãe, residente na fazenda de Lopinho, quem o humilha e o faz sofrer. A partir de então, cada palavra, cada vírgula contida no testamento são pistas para a (re)construção da identidade do narrador. É o próprio menino quem mata Lopinho, de maneira insensível e prazerosa. Ainda na infância, é possível verificar os âmbitos que a permeiam, a religiosidade, a sexualidade, entre outros. Uma figura interessante que aparece na infância do coronel é uma jumenta, com quem ele mantém relações sexuais, em uma infância permeada de acontecimentos e sofrimentos. Ao testemunhar sua juventude no quartel, em Belo Horizonte, o narrador relata que foi lá que tomou gosto pelo mando, "Acho que foi no quartel que peguei o maior gosto que tenho na vida: mandar."[3]. Isso fica evidente através das relações, no presente, do coronel com seus empregados, ao mesmo tempo em que alude à exploração do trabalho das classes sertanejas subalternas no Brasil moderno. As relações de poder e mando, constituintes da identidade do narrador, intensificam-se já na sua vida adulta, quando este já é um poderoso e influente fazendeiro. É interessante observar a colocação do narrador quando este diz que, em sua vida, teve vários 'eus'. Cada um com uma característica diferente. O piolho-de-meganha, capiau das cagaitas, o soldado arrombado, o coronel Philogônio, o muleiro das Águas Claras, todos comportam uma característica diferente que, ao final, se encontram em uma só personagem.

Considerações finais

Considerando o exposto, podemos perceber os vários momentos por que passou o narrador-personagem na narrativa. A construção da obra traz acontecimentos da vida da personagem e, atrelado a esses acontecimentos, uma rede de críticas e alusões à sociedade moderna, principalmente no que tange a vida do sertanejo. Após a leitura de toda a obra, podemos perceber, através de uma reflexão profunda, o processo de reconstrução de uma personagem que é feito por Darcy Ribeiro. A obra nos convida a adentrar no sertão, até mesmo na região norte-mineira, refletindo sobre as condições do homem sertanejo e do jogo sujo de relações sociais e políticas que, até hoje, constituem o sistema brasileiro.

Referências

[1] VASCONCELOS, Fabiana. Darcy Ribeiro presenteia o campus. Disponível em: http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=1468. Acesso em: 07 jun. 2015.

[2] SILVEIRA, Diego Omar. O povo brasileiro nos romances de Darcy Ribeiro. In: História: Debates e Tendências – v. 12, n. 2, jul./dez. 2012, p. 223-237.

[3] RIBEIRO, Darcy. O Mulo: romance. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2007.